

SUPLEMENTO  
HUMORISTICO DE

O SEculo



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43—Lisboa

# PRIMEIRA FORMA



Recebendo uma carta:  
 — Foi expedida apenas ha 15 dias da Outra Banda... Bem: já se vê que os serviços dos correios estão normalizados.



## PALESTRA AMENA

## TER IDÉAS

Toda a gente sabe o que é uma idéa, mesmo a que não tenha frequentado uma certa cadeira liceal que dava pelo nome de «filosofia» e que era uma patacoada de se lhe tirar o chapéu; mas o que nem toda a gente sabe é que ter uma idéa geitosa representa um trabalho cerebral extenuante, superior, ainda que mal nos esteja dizê-lo, ao de fazer um par de botas ou aplinar uma taboa de pinho.

E o que também geralmente se ignora é que muitas vezes as idéas que se vêem realizadas não pertencem a quem as realizou; este dá-lhes a forma plástica, torna-as, por assim dizer, palpáveis, pelo trabalho manual, mas outrem as criou, outrem fritou a mioleira para conceber, num parto que fatiga e chega a aniquilar o parturiente, pelos esforços que emprega.

Em literatura o facto que aponta-mos representa uma excepção; quasi sempre o livro que lêem foi concebido por quem o escreveu, a peça teatral, a que assistem, foi concebida pela pessoa que figura no cartaz. Mas se se trata de caricaturas...

E' aí que bate o ponto. Temos sobre a nossa mesa centos de periodicos de caricaturas, assimadas por notabilidades e apostamos com quem quizer em como a idéa do maior numero das paginas e vinhetas que vemos não foi do caricaturista, mas d'um homem de letras e que foi este quem fez a respectiva legenda. O nome do caricaturista aparece, correu mundo, e o do inspirador, do suggestionador, do indicador, ou como se lhe quizer chamar, fica occulto. Sem duvida, não se comete uma falta, porque o caricaturista é realmente «autor» e a parte material da composição artistica é muitissimo, é quasi tudo; mas se a idéa desapareceria se não existisse o desenho, este também não viveria sem a idéa, coisa que o proprio amigo Banana notaria, sem, contudo, se pronunciar ácerca de preferencias.

A que vem este arrazoado? A dizer-vos, leitor amigo, que cá por casa não reina tal regimen, que os caricaturistas do *Seculo Comico* são, felizmente, uma excepção. Fervilham as idéas nas cachimonias d'esses mancebos, são de uma fertilidade assombrosa, e é isso o que nos apraz deixar hoje registado, para gloria d'eles e exemplo dos que de futuro venham aqui trabalhar: tragam idéas, idéas, idéas, idéas...

J. Neutral.

## Correspondencia

M. C. — Pode cantar a letra que compoz com a musica do *Fado das mãos*, porque está conforme. E já que está com as mãos na massa, faça outra para o *Fado dos pés*.

## «Poisson d'avril»

Escusamos de estar com explicações: o leitor é sufficientemente illustrado para saber que «poisson d'avril» nada tem que ver com o pescado e que significa a mentira, a intrujice, etc. que os francezes costumam inventar no dia 1.º d'abril, para disfrutar do proximo.

O habito não se adaptou entre nós,



pelo menos no sul do paiz — no norte parece que sim, a julgar pelo que nos conta o grande Julio Diniz na sua *Familia inglesa*. Mas no sul, repetimos, não existe semelhante costume, ou antes, não existia, porque o sr. ministro da agricultura acaba de fazer uma tentativa para o introduzir.

— Como?

Como? declarando em pleno parlamento que «a situação financeira de Portugal é desafogada».

Que grande chuchador nos saiu o nosso Ricardo!

## Cautela com os telegramas

Um cavalleiro da provincia sofreu ha dias sérios incomodos, porque expediou para Lisboa, a certo amigo, um telegrama com estas palavras: «Manda quatro automoveis».

O telegrafista respectivo, que tem



olho, pensou immediatamente que ali haveria marosca, cifra, ou coisa assim, e que o sentido completo do telegrama era: «Manda quatro automoveis carregados de batatas».

Preso o expedidor, como suspeito de

querer açambarcar o precioso tuberculo ou vende-lo por preço superior á tabela, veiu a averiguar-se que se tratava d'um casamento e que eram realmente automoveis vasilos o que o homem desejava, para os noivos, padrinhos e convidados.

De onde é de recomendar o maior cuidado aos srs. funcionarios telegrafopostais, para evitar futuras sensaborias. Imagine-se, por exemplo, que o provinciano tinha escrito: «Manda flores de laranjeira» e que o telegrafista suspeitava que as flores significavam hortaliça—tomates, para não irmos mais longe. Ai ficava a noiva privada do simbolo e quiçá do marido, porque ha muitos que não vão lá sem esse tempéro.

## Pum!

E' bem certo que debaixo dos pés se levantam os trabalhos e que nunca uma pessoa pode dizer que está bem. Agora, quando tudo caminhava tão bem quando os estomagos já estavam habituados ás batatas pôdes a onze vintens e ao azeite de purgueira a nove tostões — eis que o desmancha prazeres do sr. José Maria Rodrigues, da Academia das Sciencias de Lisboa, nos revela que a inscrição latina do monumento de D. José 1.º, no Terreiro do Paço, está errada! Ha lá um *finit* que não é nada, um *eques tris* por *equestres*, além d'outras irregularidades que até parece incrível como até agora se tem consentido.

Vai-se officiar á Commissão dos Monumentos para que se proceda ás necessarias emendas — e é esse um raio de esperanza que atravessa a caliginosa noite das nossas preocupações, mas como sabem o tempo que no nosso paiz se gasta em realizar qualquer coisa pelas vias competentes, nós alvitriaríamos a intervenção do Baptistinha. Metralhadoras com o *finit* e o *eques tris*.

## DE FÓRA

(A sério)

## Amoris vim!

Não me posso ludir. Por mais que tente Distarcar este amor que me consome, Tenho sempre nos lábios—como um crente— A perfumada resa do teu nome!

Se me afasto de ti, baldado intento, Com a distancia cresce o meu fervor E fica a envolver-te o pensamento. Como o luar em torno d'uma flor...

Se pretendo matar os meus desejos E busco n'outros lábios o prazer, Jamais exp'rimentado, dos teus beijos,

— N'uma ancliedade trrepreimidá e louca— Cerro o olhar para melhor te ver E beijo n'outra boca... a tua boca...

Março de 1920

PAULO DE SOUSA BENEVIDES

(do livro em preparação *Cristalizações*)

**Que grande coisa!**

Com um ponto de exclamação, que se nos afigura inteiramente deslocado, o *Seculo* narra que, desde a implantação da Republica, 5 de Outubro de 1910, já tivemos 366 ministros, assim discriminados:

Presidentes de ministerio.....	27
Ministros do Interior.....	35
» da justiça.....	32
» das finanças.....	37
» da guerra.....	30
» da marinha.....	34
» dos estrangeiros.....	41
» do commercio.....	34
» das colonias desde 24-8-911.....	33
» da Instrução » 7-7-1913.....	25
» do trabalho » 16-3-916.....	14
» da agricultura » 9-3-1918.....	14
» das subsistencias, desde 9-3-1918 (extinto).....	3
» dos abastecimento desde 9-10-1918 (extinto).....	7
Total.....	366

Assim, em feito de mapa e com muitas parcelas, parece uma enormidade, mas a verdade é que, n'um exame de-tido, toda a admiração desaparece.



Vejamos: quantos dias decorreram desde 5 de Outubro de 1910 até hoje? 3376, se não estamos em erro. Agora dividamos 366, numero de ministros, por 3376: quociente  $\frac{9}{100}$  aproximadamente. Ora estão, nove centesimas partes d'um ministro em cada dia, é muito para um paiz d'este tamanho? Já é vontade de reopantar!

**Fiat lux**

Os jornais de ante-hontem publicaram a seguinte noticia:

«O almirante sr. Leote do Rego esteve conferenciando esta tarde com o sr. presidente do conselho».

Isto, á primeira vista, parece que não tem importancia nenhuma, mas engana-se quem tal supuzer. Liguem esse facto com o da supressão da iluminação publica em Lisboa e dão no vinte: temos holofote, pela certa.

**EM FOCO****Eliezer Kamenetzky**

*Esse da Russia Eliezer famoso,  
Que temos entre nós, diz a gazeta,  
O nojo contra o bife e a costeleta  
Prega por toda a parte, sem repouso.*

*Isso da carne produzir o goso,  
Segundo o mesmo diz, é tudo peta;  
Ele proprio come herva, ali, á preta,  
E está forte, gorducho, majestoso.*

*Outrem duvide, eu não, da panaceia,  
De que o nosso orifino pede talo,  
Cevada, grama, ortiga, feno, aveia.*

*Ha muitos anos já—por que negal-o?—  
Que eu tenho assim uma ligeira ideia  
De sermos uma especie de cavalo...*

BELMIRO.

**O roubo do hadalo**

Desapareceu do gabinete da presidencia do Tribunal da Relação de Lisboa uma campanha de prata, com grande valor historico e intrinseco, prometendo-se generosa recompensa a quem a restituir, além de se desistir de qualquer procedimento judicial contra quem quer que seja.

Estamos em que o gatuno, em vista do exposto, se humanisará...

Agora perguntará o leitor como nas barbas d'um juiz se pode fazer um furto semelhante e nós responderemos com o seguinte facto.

Havia d'antes uma sineta suspensa



da parede junta da porta de entrada do edificio das-côrtes. Certo dia, um cidadão encostou uma escada á parede, em pleno dia, subiu e tirou socegradamente a sineta do seu logar. Em seguida desceu, meteu a escada debaixo do braço e á sentinela, que lhe perguntou para que levava a sineta, respondeu :

— Para concertar.  
Até hoje. Já lá dizia o outro que não ha nada novo debaixo do sol.

**Torre de Chifre****Abril**

Já cantam nos arvoredos  
Os rouxinóis tão gentis  
Que andam a dizer segredos  
A's fêmeas juvenis.

Já pendem folhas nas faias  
Que dão sombra aos namorados  
E á noite entre as olaias  
Treme o luar, ha trinados.

Vai o regato a murmurar  
Uma canção sincera  
Vinde, vinde, escutar,  
E' a canção da primavera.

Dá-me a tua divina mão  
Feita de neve branquinha  
E aperta com comção  
A outra mão que é a minha!

Se n'uma barca doirada  
Nós fossemos navegando  
Na margem emaranhada  
Seguiam-nos aves em bando.

E' este o poema d'abril  
São estrofes os olhos teus,  
Folhas o ceu côr d'anil  
Feitos pela mão de Deus.

Vamos lê-lo devagarinho  
Nos recantos dos pomares  
Onde me darás teu carinho  
E o mais que tiveres para dares.

E assim que amamhecer  
Voltarás para a tua mansão  
Eu levando o prazzer,  
E tu o meu coração!

Luiz Rego Sepulveda.

# A tabela



— *Qué? A quinze tostões o litro? A tabela marca nove tostões!*  
— *Isso é o azeite para tempêro, mas este serve também para purgante...*